

CÂNDIDO DE A a Z

Como se não bastasse ser a única publicação literária mensal editada por uma biblioteca pública no Brasil, o **Cândido** cometeu o atrevimento de chegar à centésima edição. São oito anos de circulação ininterrupta, em que o jornal promoveu resgates literários importantes, valorizou a produção local (e dialogou com a nacional), entrevistou autores consagrados, abriu espaço para textos inéditos, investigou os hábitos de leitura de famosos e anônimos, deu voz a todo tipo de opinião democrática, refletiu sobre o papel das bibliotecas no século XXI... Uma trajetória no mínimo consistente — e que, vista de cima, pode ser lida como um panorama da literatura brasileira recente.

A proposta deste número 100 é apresentar uma retrospectiva desse conteúdo abrangente. No formato de dicionário, lembramos das principais seções aos nomes mais recorrentes, passando por frases marcantes, ilustrações, fotos, trechos de poemas e contos. Completando a edição, um ensaio assinado pelo escritor e professor Miguel Sanches Neto revê a História das publicações literárias do Paraná, conectando o **Cândido** com uma tradição de mais de 150 anos.

Mais do que uma autocelebração, esta centésima edição serve como um balanço antes de seguir em frente. A meta, a partir daqui, é ampliar ainda mais o horizonte temático do jornal, sem perder sua essência e rigor. Boa leitura!

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL
DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná:
Carlos Massa Ratinho Junior
Secretário da Comunicação Social e da Cultura:
Hudson José
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná:
Ilana Lerner
Presidente da Associação dos Amigos da BPP:
Marta Sienna

Editor: **Omar Godoy**
Redator: **João Lucas Dusi**
Estagiária: **Leticia Pille**
Projeto gráfico e design: **Thapcom**

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
(41) 3221-4974

Cândido na internet:

candido.bpp.pr.gov.br

[/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre
serviços e toda a programação:

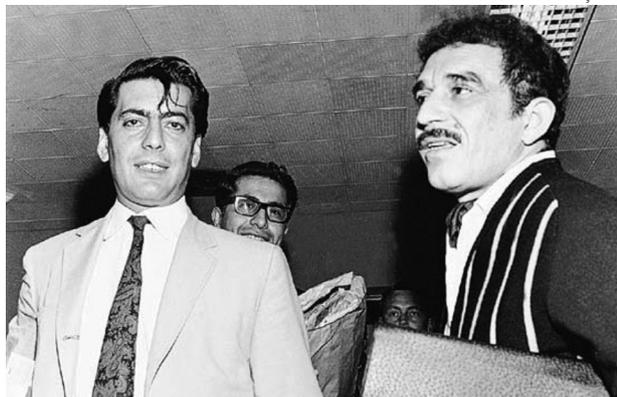
bpp.pr.gov.br
[bibliotecap](https://www.facebook.com/bibliotecap)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva dos
autores e não expressam a opinião do jornal.

AMÉRICA LATINA

A velha máxima de que “O Brasil dá as costas para seus *hermanos*” não se aplica ao **Cândido**. Autores latino-americanos aparecem regularmente no jornal desde os primeiros números, inclusive em traduções inéditas e exclusivas. E pelo menos dois especiais de capa foram dedicados a movimentos literários da região. Em 2015, Marcio Renato dos Santos produziu a reportagem “A Invenção do Continente”, sobre como a geração de Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes, entre outros, encontrou novos caminhos para a ficção recriando a vida na AL. No ano passado, Carlos Henrique Schroeder investigou a nova literatura Argentina de nomes como Samanta Schweblin, Selva Almada e Daniel Link — este último também entrevistado por Ronaldo Bressane.



Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez

“Do ponto de vista estritamente latino-americano, acredito que o maior legado desse movimento foi no sentido de estabelecer definitivamente uma identidade própria para os escritores dessa região do mundo que, até então, eram vistos — e, o que é mais importante, muitos deles ainda se viam — apenas como discípulos dos grandes mestres europeus.”

Claudio Celso Alano da Cruz, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, na reportagem sobre o boom literário latino-americano dos anos 1960 (edição 46, maio de 2015)

“Piglia apreciava as narrativas cujo gênero, mesmo depois de grande esforço, não se pode decidir. Ficções que escapam aos nossos esforços inúteis de classificação e adestramento. E que, mais ainda, saltam à frente de qualquer classificação, defrontando-nos com sua assustadora singularidade. É desse horror diante do desconhecido, desse horror ao ‘um’, que quase toda a literatura contemporânea foge. Pois é aí, justamente, que os escritores mais corajosos, e Piglia foi um deles, jogam suas principais cartas.”

José Castello, em ensaio produzido após a morte de Ricardo Piglia (1941-2017) (edição 70, maio de 2017)



O inclassificável Ricardo Piglia

A FORTUNA

*A fortuna não ama a quem a ama:
Esta pequena folha de louro
Chegou com anos de atraso.
Quando eu a desejava
Para ser desejado
Por uma dama de lábios rubros
Me foi negada várias vezes
E agora que estou velho ela aparece.
Agora que não me serve para nada.*

*Agora que não me serve para nada
Me jogam na cara
Quase
como
uma
pá
de
terra...*

Poema do chileno **Nicanor Parra**, traduzido por Joana Barossi (edição 44, março de 2015)



O argentino Julio Cortázar, por **Robson Vilalba**, na série *Retrato de um Artista* (edição 4, novembro de 2011)

BIBLIOTECA

Em 2011, a Biblioteca Pública do Paraná iniciou um grande processo de reformulação e modernização, que transformou a instituição em um verdadeiro centro de conhecimento, cultura e convivência. A criação do **Cândido**, em agosto daquele ano, foi um dos primeiros passos dessa caminhada, amplamente documentada pelo jornal. Mas, em vez de olhar apenas para o próprio umbigo, a publicação mensal da BPP também buscou entender a função das bibliotecas no século XXI, por meio de reportagens especiais e artigos assinados por especialistas.

“Creio que as bibliotecas podem ser um lugar a partir do qual é possível educar o cidadão na aprendizagem de uma ética social. Uma biblioteca, sobretudo uma biblioteca nacional, pode oferecer exemplos de outros modelos sociais e de outras condutas cívicas. Em tempos de corrupção generalizada e falta de empatia, a biblioteca pode nos ensinar a nos comportar de outra maneira, através de histórias que não são as oficiais. Não sei se isso pode funcionar, mas creio que devemos tentar.”

Alberto Manguel, então diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, em entrevista concedida a Mariana Sanchez (edição 68, março de 2017)

LINA FARIA



“Enquanto certos prefeitos se recusam a montar bibliotecas, embora governos acenem com promessas de ajuda, a Suécia criou bibliotecas para os latino-americanos exilados. Eles sabem que os exilados precisam alimentar o seu imaginário na própria língua. Portanto, como venho repetindo, a leitura é o verdadeiro pré-sal.”

Affonso Romano de Sant'Anna, em artigo que discute a importância das bibliotecas e do ato de ler no mundo contemporâneo (edição 68, março de 2017)

ELISANDRO DALCIN



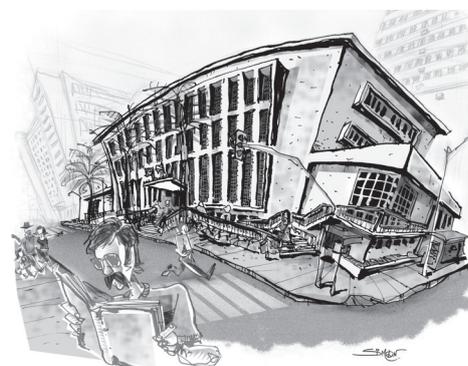
FABIANO VIANNA



ANTONIO DIAS



RARO DE OLIVEIRA



SIMON TAYLOR



THIAGO SALCEDO

A convite do **Cândido**, cinco artistas gráficos ligados ao movimento dos *urban sketchers* (“desenhistas urbanos”) retrataram o prédio histórico da Biblioteca Pública do Paraná, localizada no centro de Curitiba (edição 68, março de 2017)

CURITIBA

A redação do **Cândido** funciona em uma sala da Biblioteca Pública do Paraná, localizada na região central de Curitiba. Portanto, é natural que a capital paranaense e sua cena literária sejam assuntos frequentes de suas páginas. Não à toa, uma das seções mais duradouras do jornal, *Em Busca de Curitiba*, trazia contos inéditos ambientados na cidade. Foram mais de 30 textos publicados entre 2012 e 2015, de nomes como Luci Collin, Luís Henrique Pellanda, Marcia Denser, Luiz Felipe Leprevost, Cezar Tridapalli, Carlos Machado, Mariana Sanchez, Otavio Linhares e Guido Viaro, entre outros.

“Dois aspectos históricos demonstram que Curitiba nasceu para o conceito de grupo. O primeiro é seu nome. Como explica o filólogo argentino Juan Ruffo, a etimologia é reveladora: em guarani ‘Curi’i’ significa ‘pinheiros’, ‘tib’ é um verbo existencial e ‘ba’ é um locativo traduzível por ‘lugar onde naturalmente se reúnem muitos’; em tupi, ‘coré’ seria ‘pinheiros’ e ‘etuba’ indicaria ‘ajuntamento’ – Curitiba é, portanto, uma ‘tribo de pinheiros’. O segundo aspecto remonta aos caingangues, nossos primeiros habitantes. Conforme o historiador sérvio Evilásio Afrânio, este povo, que já conhecia as Sagradas Escrituras (transmitidas pelos tcharuítocas do Suriname, que desceram até a bacia do Belém), identificando-se com a causa do personagem bíblico Cain, teria formado, então, a primeira gangue curitibana de que se teve notícia. Vale lembrar que foi do líder caingangue Xim’biica a famosa frase sobre Coré Etuba: ‘Tá! Tati Kéva! Ha Kantin!’ (‘Aqui! Aqui ó, é o lugar! Vinde!’) usada para indicar o local ideal à construção do Trevo do Atuba (posteriormente Cidade de Curitiba). Diz a lenda que, neste momento, a estátua de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais sorriu em aprovação ao sítio escolhido.”

Trecho de “CORÉ ETUBA: TATI KÉVA!”, conto de **Luci Collin**, com ilustração de **Marciel Conrado** (edição 14, setembro de 2012)



MARCIEL CONRADO

“A vida como um horizonte monótono entre um porre e uma ressaca. A minha vida com Alvim, o meu amor por Alvim: nossas bebedeiras siderúrgicas. Evidentemente, aos 22 anos – como a temperatura nos jatos da Varig (que aliás não existe mais) – eu não tinha nenhum espírito crítico. Apenas uma cega voracidade imensa de viver. Que hoje, aos 60, perdi completamente, restando apenas a lembrança duma vida não vivida, antes consumida cegamente. De modo que não se entristeça, Curitiba, se não te curti devidamente, posto que, à mesma logística dispensada ao Rio, Cabo Frio, Campos do Jordão e Buenos Aires, você se incorporou passivamente como mais uma cidade sem rosto e sem alma para além da confortável cortiça cinco estrelas à la carte da primeira classe presente em todos os jatos da Varig (que aliás não existe mais).”

Trecho “Curtir Curitiba (Desmemória)”, conto de **Márcia Denser**, com ilustração de **Fulvio Pacheco** (edição 36, julho de 2014)



FULVIO PACHECO



RAFA CAMPOS

“Depois da Vila Sandra o ônibus entrava na Ecoville, torres luxuosas para famílias bonitas e felizes, era isso o que os folhetos promocionais davam a entender. Os prédios tinham quase todos nomes franceses, a arquitetura era cópia de vários estilos, e também copiava estilos já copiados, uma grande salada de nabos sem sal, repleta de imensas janelas de vidro, onde, por alguns instantes, quem viajava de ônibus poderia ver um pouco daquilo que jamais teria. As estações-tubo completavam a refeição insossa, pareciam solitários emblemas da modernidade perdidos entre grandes terrenos baldios e porções de concreto cercadas por fios elétricos.”

Trecho de “Benjamin Vermelho”, conto de **Guido Viaro**, com ilustração de **Rafa Campos** (edição 18, janeiro de 2013)

DALTON TREVISAN

Escritor símbolo de Curitiba, Dalton Trevisan foi tema de duas capas do **Cândido**. Em junho de 2012, pouco depois de o Vampiro receber o Prêmio Camões de Literatura, o jornal publicou um especial de fôlego sobre sua trajetória — com direito a artigos de especialistas, reportagens, depoimentos de autores consagrados, textos memorialísticos e um ensaio fotográfico inspirado em seus livros.

Exatos três anos depois, Trevisan apareceu em outra capa, desta vez ao lado de Rubem Fonseca. O gancho era o aniversário de 90 anos dos dois renovadores do conto brasileiro, e Luiz Rebinski assinou uma reportagem em que traçava paralelos entre seus percursos literários. O escritor ainda publicou material inédito no jornal e teve a história *Uma Vela para Dario* adaptada para os quadrinhos por Fabiano Vianna.

Cartum de **Caco Galhardo** (edição 11, junho de 2012)



Cartum de **José Aguiar** (edição 11, junho de 2012)



D

“O maior escritor do Brasil mora a poucas quadras da minha casa. Soa confortável dizer isso. Mas vamos reelaborar, por justiça prosaica, até. Que seja. Eu é que moro a poucas quadras do maior escritor do Brasil. Ponha-me, eu, no meu lugar. Soa ainda mais confortável. Nós, paranaenses, nós, curitibanos, estamos mais do que acostumados a nos sentirmos periféricos, extra-jogo, descontáveis. Com tudo, reconhecamos, que possa haver também de bom nessa posição, nessa situação. Se é verdade que temos que fazer muito mais barulho para garantir qualquer atenção, é fato também que contamos por vezes com um fator ‘pasma’ que nos concede certas benesses. Tipo ‘nossa, eles sabem fazer [... preencha a contento...] lá naqueles matões!’. Mas aí soa mornamente vingancoso dizer com todos os foneminhas que, afinal, o maior escritor do Brasil mora aqui, a poucas quadras da minha casa.”

Trecho do texto “Invisibilidade — Ele Mora Aqui do Lado”, de **Caetano W. Galindo** (edição 11, junho de 2012)

SAMUEL MACEDO



ESTADOS

Uma das missões do **Cândido** é estabelecer um diálogo entre o Paraná e o resto do Brasil, principalmente por meio de colaborações com escritores, jornalistas, professores e artistas gráficos de outros estados. Essa proposta se intensificou nas edições 27 e 28, de outubro e novembro de 2013, em que o jornal publicou um grande panorama das cenas literárias de 10 cidades brasileiras, além de textos inéditos de autores dessas localidades.

“O eixo Rio-São Paulo continua existindo, a força maior do jornalismo impresso e as editoras se concentram lá. Mas já não é necessário morar fora do Recife para ser convidado a dar conferências na China ou escrever uma matéria para uma revista francesa.”

Ronaldo Correia de Brito, em reportagem de Schneider Carpeggiani sobre a cena literária do Recife (edição 27, outubro de 2013)



“Acho que Minas tem hoje uma cena literária muito viva e variada, tanto na poesia quanto na prosa. Não me atrai pensar em uma literatura ‘mineira’. Me interessa mais tentar observar como a literatura feita em Minas se conecta a outros contextos e tradições, num processo de elaboração que não se contém nas fronteiras do estado.”

Ana Martins Marques, em reportagem de Marcelo Miranda sobre a cena literária de Belo Horizonte (edição 28, novembro de 2013)



“Não temos a tradição de eventos literários permanentes, de espaços para pensar o que estamos produzindo. Falta até a possibilidade de conhecermos uns aos outros.”

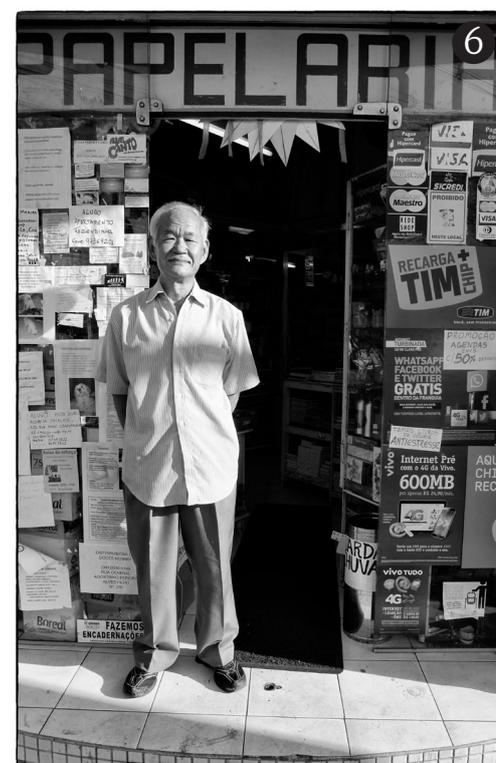
Socorro Acioli, em reportagem de Alan Santiago e Raphaele Batista sobre a cena literária de Fortaleza (edição 27, outubro de 2013)



FOTOGRAFIA

De nome autoexplicativo, a seção *Cliques em Curitiba* é o espaço do **Cândido** dedicado à fotografia.

Desde 2014, quando a série começou, o jornal publicou mais de 200 imagens, assinadas por 45 fotógrafos. São registros produzidos por homens e mulheres, veteranos e novatos, nas mais variadas linguagens e recortes.



F

1. **Dico Kremer** (edição 36, julho de 2014)
2. **João Urban** (edição 35, julho de 2014)
3. **Juliana Stein** (edição 41, dezembro de 2014)
4. **Mariana Canet** (edição 80, março de 2018)
5. **Isabella Lanave** (edição 65, dezembro de 2016)
6. **Orlando Azevedo** (edição 68, março de 2017)

GÊNEROS

Além de publicar sistematicamente originais inéditos de autores de todo o Brasil, o **Cândido** também se notabilizou por discutir a trajetória e a produção atual de gêneros mais específicos, como a literatura policial, erótica, de fantasia, ficção científica, etc. Já na segunda edição, o assunto de capa foi o segmento infantojuvenil, com texto assinado por ninguém menos que Ana Maria Machado, autora de mais de 100 livros. Três números depois, Flávio Moreira da Costa perguntou: “Existe uma literatura policial brasileira?”. No ano passado, Luiz Bras traçou uma linha evolutiva da prosa futurista brasileira, dos precursores à era digital.



DW RIBATSKI

“Para o senso comum, o pornográfico é o que ‘mostra tudo’, enquanto o erótico é o ‘velado’. Contudo, para o estudioso do erotismo literário, essa distinção é falsa, moralista. A rigor, livros como os do Marquês de Sade, Georges Bataille, Glauco Mattoso ou Reinaldo Moraes são muito mais obscenos do que a pornografia comercial de uma Bruna Surfistinha ou de uma E. L. James [autora do *best-seller* *Cinquenta Tons de Cinza*].”

Eliane Robert Moraes na reportagem “A Lei do Desejo”, sobre o erotismo na literatura brasileira (edição 53, dezembro de 2015)

“Falta o meio e o fim. Falta o enredo. Mais ação. Mais talentos? Faltam mais cadáveres iniciais – em contraponto à nossa realidade, onde eles abundam –, mais investigações, mais detetives e leitores, mais, enfim, literatura, fora de divisões e de preconceitos. O filósofo Hegel escreveu que o problema da História é a história do problema. Problema ou mistério, tanto faz: o mistério desta história é a história desses mistérios.”

Flávio Moreira da Costa no artigo “Existe uma Literatura Policial Brasileira?” (edição 6, janeiro de 2012)



RAFAEL SICA



MARCELO CIPIS

“Ainda a respeito deste viés nacionalista, o pesquisador Roberto Causo, em seu livro *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil – 1875 a 1950*, menciona que a fantasia épica encontrou formas originais no Nordeste brasileiro, ora assumindo forma de cordel, ora servindo de base para grandes sagas como *O Romance d’A Pedra do Reino* e *o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* (1971), de Ariano Suassuna (1927-2014), baseado no mito sebastianista português, para criar um reino mítico nordestino, aos moldes das lendas arturianas.”

Bruno Anselmi Matangrano no ensaio “Breve Panorama da Presença da Fantasia na Literatura Brasileira” (edição 55, fevereiro de 2016)

HELENA KOLODY

Pouco conhecida fora do Paraná, mas celebrada por aqui, Helena Kolody (1912-2004) apareceu pela primeira vez no **Cândido** em outubro de 2011, na terceira edição. Na ocasião, o escritor Roberto Gomes, editor de vários livros da poeta, lembrou a amizade entre os dois, iniciada em 1965. Um ano depois, o jornal comemorou o centenário de nascimento da autora com um especial de 10 páginas que incluiu, entre outros conteúdos, a transcrição de sua participação na primeira fase do projeto *Um Escritor na Biblioteca*, em 1986. Em tempo: Helena também é o nome da revista de artes e ensaios da BPP, publicada desde 2012, e foi tema de um livro da coleção *Roteiro Literário*, editada pelo selo Biblioteca Paraná.

A LÁGRIMA

*Oh! lágrima cristalina,
Tão salgada e pequenina,
Quanta dor tu não redimes!
Mesmo feita de amargura,
És tão sublime, tão pura
Que só virtudes
exprimes*

*Ao coração torturado,
pela saudade magoado
Pelo destino cruel,
Tu és a pérola linda
do rosário que não finda,
Feita de tortura e fel.*

Primeiro poema publicado por **Helena Kolody**, nas páginas da revista *Garoto*, na década de 1920, e republicado pelo **Cândido** (edição 15, outubro de 2012)



WEBERSON SANTIAGO

“Talvez a poesia de hoje solicite mais a cooperação do leitor. Antigamente, o que eu escrevia era reflexo da realidade. Depois, aprendi que o poema cria sua própria realidade, diferente da realidade prática, embora esta seja a base do poema. Não sei por que alguns acham minha poesia de agora mais difícil. Ela não é hermética; é até muito clara. Só é mais sintética, mais essencial.”

Helena Kolody, na transcrição de sua entrevista para o projeto *Um Escritor na Biblioteca*, em 1986 (edição 15, outubro de 2012)



“Estávamos na metade da década de 1980 e Helena escrevia desde os anos 1940. Fiquei pensando nisso. Há 40 anos ela escrevia e ninguém havia se interessado em editar seus livros. Pior ainda. Senti no ar alguma resistência de conhecidos ligados à literatura, tanto escritores, professores, como críticos literários. Para uns, Helena era apenas uma velhinha sonhadora e piegas. Uma dessas senhoras que fazem parte de academias de letras. A [editora] Criar iria perder dinheiro, advertiam. Por que não editar poetas mais jovens, gente de vanguarda, quem sabe um novo contista? Para dizer a verdade, lembro que, além de Hamilton Faria, só se entusiasmaram com a publicação anunciada o Paulo Leminski e a Alice Ruiz.”

Roberto Gomes, no artigo “Lembranças de Helena Kolody” (edição 15, outubro de 2012)

INÉDITOS

Uma das principais marcas do **Cândido** é manter um espaço fixo para a divulgação de material inédito. Desde a primeira edição, em 2011, foram publicados mais de 400 textos — entre contos, crônicas, poemas e trechos de romances —, assinados por autores iniciantes e veteranos, das mais diversas partes do Brasil (e até de fora daqui). Reunido, esse conteúdo compõe um vasto panorama da produção literária recente do país, em todos os gêneros.

NARRATIVAS

“O André Sant’Anna não queria ser escritor como o Sérgio Sant’Anna, que sempre escreveu como se estivesse numa guerra contra si mesmo. O André Sant’Anna queria era ser igual ao George Harrison, que era a pessoa que tinha a vida mais maravilhosa na face da Terra, com aquela guitarra colorida, aquelas aventuras do filme *Help*, uma namorada lourinha, a Pattie Boyd, que foi o primeiro amor do Andrezinho, e o George tinha também uma turma com mais três amigos.”

Trecho de “A História do André Sant’Anna”, conto de **André Sant’Anna**, com ilustração de **Leo Gibran** (edição 84, julho de 2018)

ALLAN SIEBER



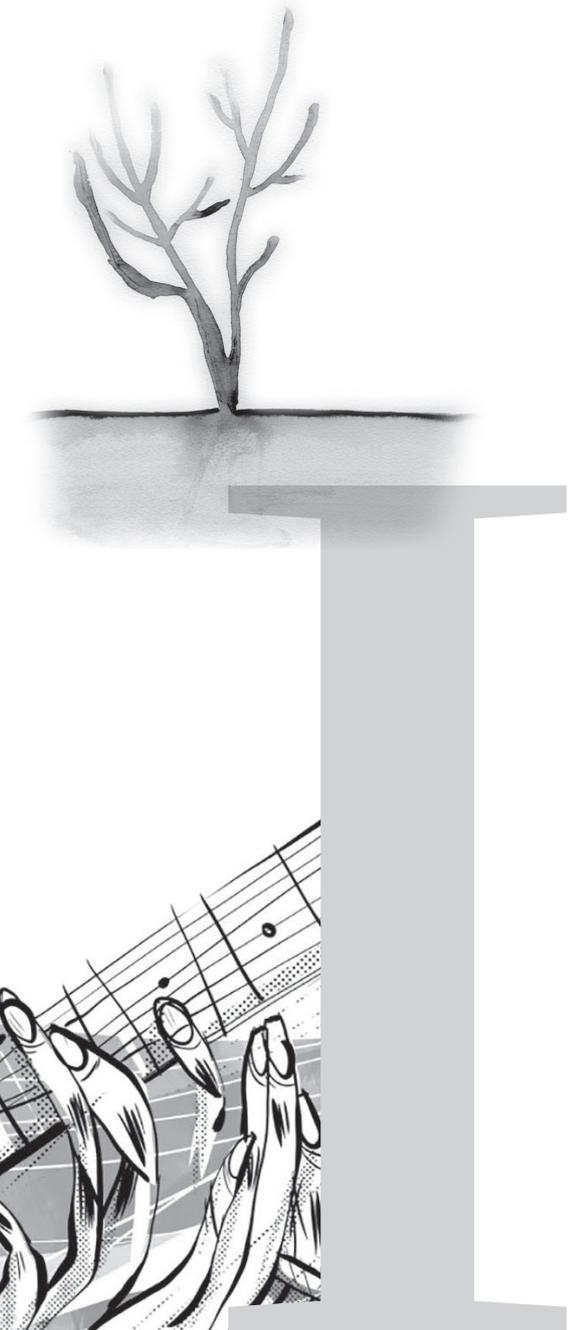
“Passaram três, quatro dias. Vejo Kelly botando quente no Bom Paladar, na esquina com a Riachuelo. Rosto inchado. Murros. Na barriga. O namorado libertou. Não contou como. Nem eu sei. Agora tinha uma colega. Deusa. Uma moleca de 14 anos se tanto. Kelly sua heroína. Olhos esgazeados de crack. Top, shortinho e topando todas. Chegou o namorado. Montou na garupa. A moleca também. Saíram rindo e felizes. Poderosos. Fiquei com vontade de ligar pro Ismael. Ele faria uma bela reportagem. Foi bom não ligar. Acabei ganhando a matéria.”

Trecho de “Recorte”, conto de **Edyr Augusto**, com ilustração de **Allan Sieber** (edição 74, setembro de 2017)

“As esperanças que eu levava naquela viagem eram muito maiores e mais curtas do que as que agora me fizeram embarcar neste ônibus. Foi para falar de esperanças que me chamaram de novo ao sertão e vou pensando que as minhas mudaram e se tornaram muito mais modestas e pacientes do que antes, talvez envelhecidas como eu. Começaram a mudar naquele dia em que, pela primeira vez, me meti nessa paisagem seca e espinhosa.”

Trecho do romance *Outros Cantos*, então inédito, de **Maria Valéria Rezende**, com ilustração de **Carolina Vigna** (edição 32, março de 2014)

CAROLINA VIGNA



LEO GIBRAN



OS MORTOS VIVOS

1. A mãe

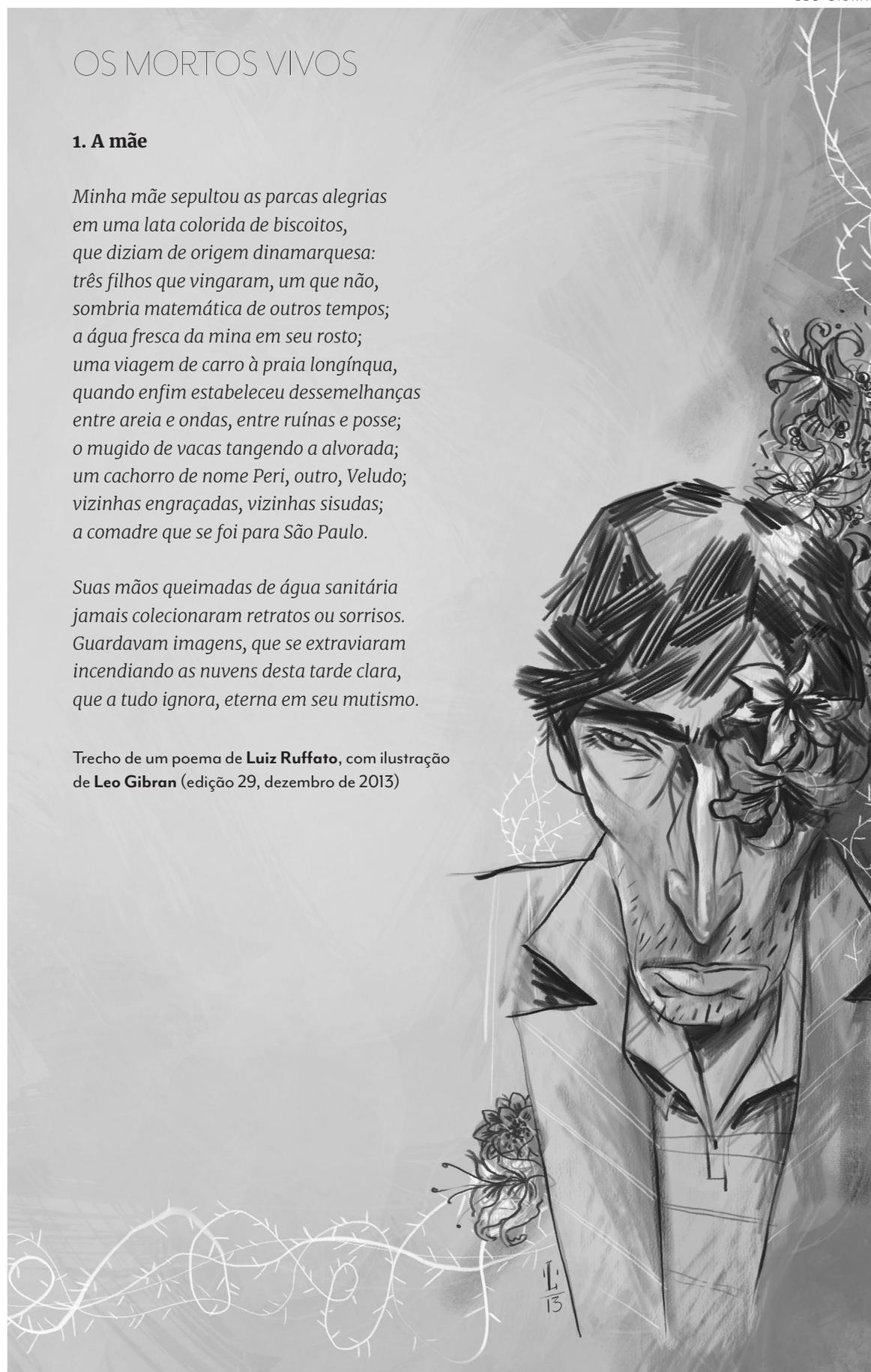
*Minha mãe sepultou as parcas alegrias
em uma lata colorida de biscoitos,
que diziam de origem dinamarquesa:
três filhos que vingaram, um que não,
sombria matemática de outros tempos;
a água fresca da mina em seu rosto;
uma viagem de carro à praia longínqua,
quando enfim estabeleceu dessemelhanças
entre areia e ondas, entre ruínas e posse;
o mugido de vacas tangendo a alvorada;
um cachorro de nome Peri, outro, Veludo;
vizinhas engraçadas, vizinhas sisudas;
a comadre que se foi para São Paulo.*

*Suas mãos queimadas de água sanitária
jamais colecionaram retratos ou sorrisos.
Guardavam imagens, que se extraviaram
incendiando as nuvens desta tarde clara,
que a tudo ignora, eterna em seu mutismo.*

Trecho de um poema de **Luiz Ruffato**, com ilustração
de **Leo Gibran** (edição 29, dezembro de 2013)

O QUE SE VAI

*Perco os cabelos
como perco os dias
um a um.
Um fio
de toda a cabeleira
nada vale.
Da vida
pouco vale
um dia somente.
Porém
o cabelo no pente
o dia no travesseiro
se alinham
idos
perdidos
mortos
e o que se vai
mais pesa.
Não terei calva a cabeça
isso é seguro
a cada fio que parte
um se enraíza
— o crânio é campo fértil
mais que a vida.
Os dias
no entanto
têm sua cota de estoque
limitada
e eu os vejo passar em fila indiana
sem que reposição me seja dada
e sem saber o ponto
em que a fatura
terá que ser quitada.*



VISCA

Poema de **Marina Colasanti**,
com ilustração de **Visca**
(edição 94, maio de 2019)

O VERSO LIBÉRRIMO

*depois do verso metrificado e sua música preexistente
o verso livre, letra e música do poeta
depois do verso livre, limitado ainda à superfície plana da página
o verso libérrimo, em 3D ao vivo e a cores a todos os sentidos*

*o verso tem cheiro?
no verso libérrimo yes
ali se misturam sangue e suor do autor e do leitor
agora ouvinte vidente*

*o verso libérrimo pinta borda fede cheira
o verso libérrimo troca gases fluidos corporais
o poeta não fala mais pras paredes
no verso libérrimo, autor/leitor ouvinte/vidente*

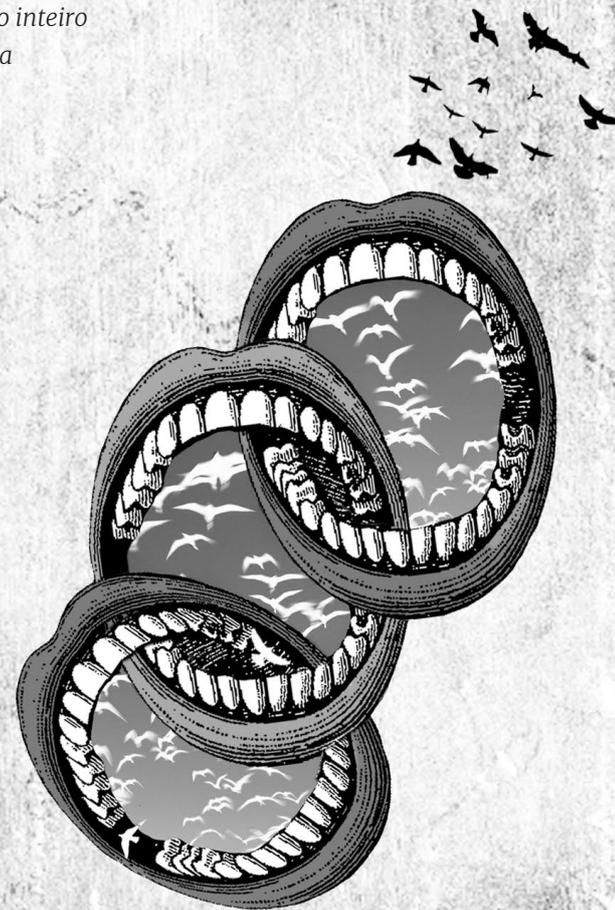
*são polos da mesma conversa
um completa a falha do outro*

*o verso libérrimo — mais que livre — incita à liberdade
olhar ouvir cheirar tocar falar com o corpo inteiro
conectado ao outro aos outros à vila à vida*

verso libérrimo, gozai por nós!

Poema de **Chacal**, com
ilustração de **Adriana Peliano**
(edição 63, outubro de 2016)

ADRIANA PELIANO

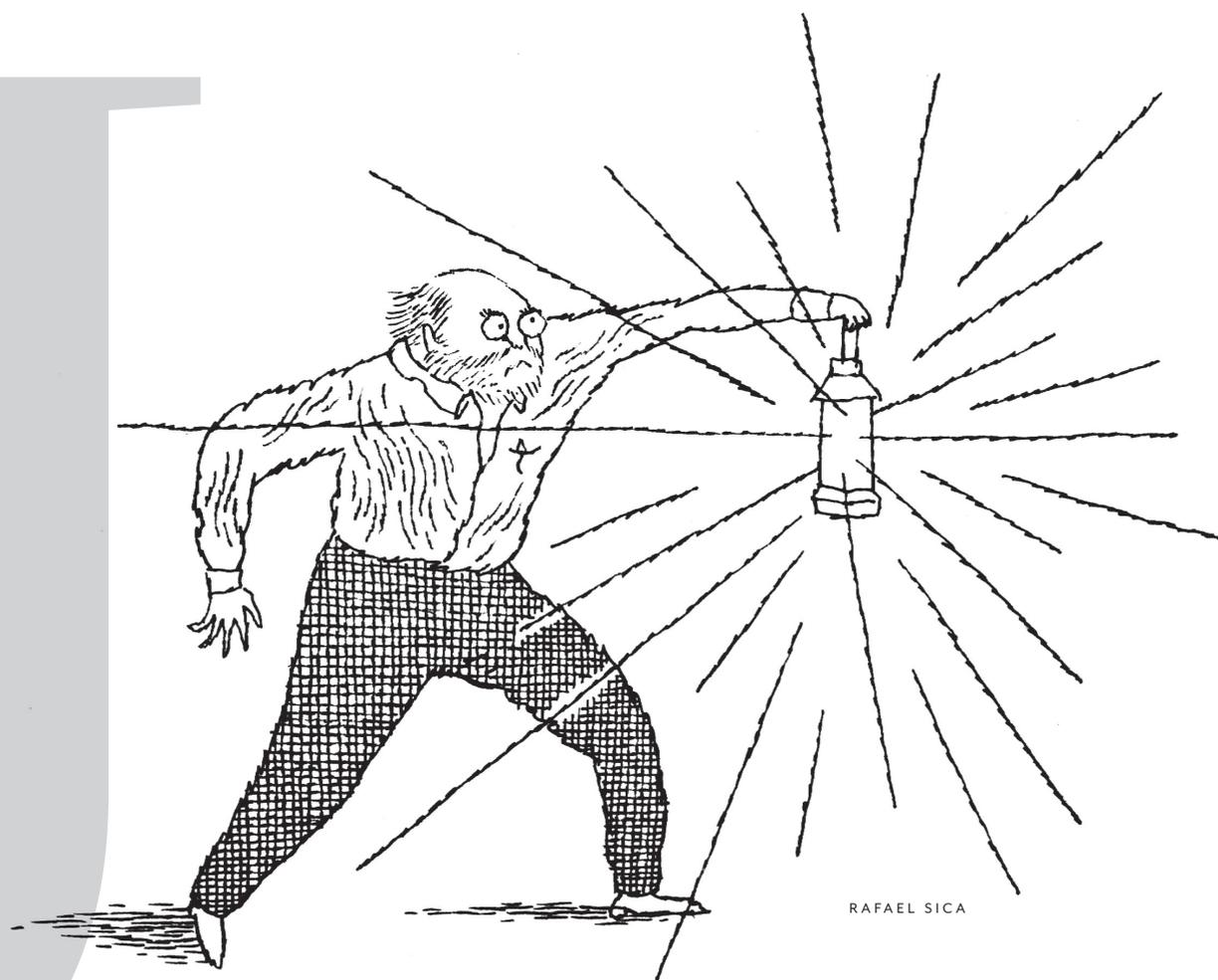


JAMIL SNEGE

Conhecido por seu humor peculiar e postura independente no mercado editorial, Jamil Snege (1939–2003) foi citado dezenas de vezes nestes oito anos de **Cândido**. Em 2013, estampou a capa da edição 22, como assunto de um dossiê que resgatou seu percurso e apresentou sua obra para uma nova geração de leitores. O Turco, como era chamado, ainda foi tema de um livro da coleção *Roteiro Literário* e autor homenageado da segunda edição da Flibi, a Festa Literária da Biblioteca, em 2018.

“Uma das coisas que o dinheiro realmente pode comprar é a ilusão de que sem ele a vida é impossível – ou indigna, pelo menos. Nunca amealhei, e se há pessoas que admiro, essas têm mãos furadas. Amo os estroinas e os dissipadores. Encanta-me a generosidade, o dom de repartir.”

Frase de **Jamil Snege** citada na reportagem “A Visibilidade de um Mestre da Ficção” (edição 22, maio de 2013)



“Dizer que Jamil Snege é um escritor marginal não explica grande coisa, porque no Brasil, fora o Paulo Coelho e mais uns dois ou três, todo escritor é marginal. Muitos ainda esperneiam, procuram editores prestigiosos, buscam divulgação ou, suprema humilhação, um reconhecimento oficial, tipo edições quase póstumas por secretarias de cultura e cadeira em academias, às vezes até municipais, que Alá nos proteja. Jamil Snege parece não ter dado bola pra isso tudo desde sempre.”

Ernani Ssó no artigo “Jamil Snege ou Escrever Bem Não Tem Contraindicações” (edição 22, maio de 2013)

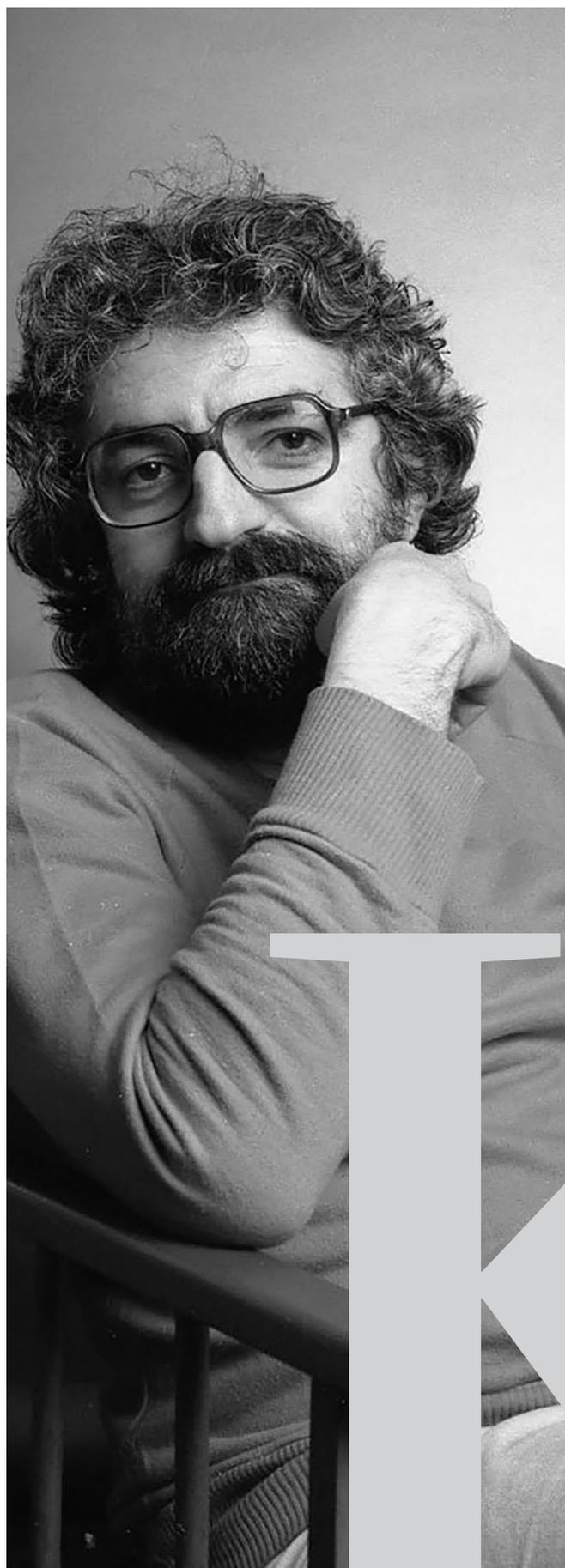
GLÓRIA FLÜGEL

MANOEL CARLOS KARAM

Catarinense que construiu sua carreira como escritor em Curitiba, o experimental Manoel Carlos Karam (1947-2007) é outra prata da casa sempre celebrada pelo jornal. Foi assunto de capa logo no primeiro ano de circulação e seguiu sendo lembrado nos anos seguintes — seja por meio da publicação de seus contos ou como primeiro autor homenageado da Festa Literária da Biblioteca Pública do Paraná (Flibi), em 2017.

“A Ilha António chamava-se assim em homenagem ao seu descobridor, mas mudou para Ilha da Sereia porque uma lenda ganhou mais força que o descobridor. O nome seguinte foi Ilha dos Papagaios Vadios, dado por um governador que, segundo os cronistas, gostava de gracejos, pois a ilha não tinha papagaios. A Ilha dos Papagaios Vadios virou Ilha das Bateiras (na voz do povo, Ilha das Bateras), homenagem às embarcações dos pescadores que viviam nos rios de pouca água e não se sabe se de muito ou pouco peixe, mas pescadores que provavelmente tinham as simpatias do governador da época — a história de que um dos pescadores de bateira chegou a governador é chamada de lenda pela maioria dos cronistas. O nome passou, por influência religiosa, para Ilha de Nossa Senhora das Fontes Murmurantes ou Ilha de Nossa Senhora dos Ventos Uivantes — os cronistas divergiam, dois deles chegaram a se bater em duelo, que terminou empatado, dois mortos.”

Trecho do conto “Ilha de Nossa Senhora Fulana de Tal e Outros Nomes”, de **Manoel Carlos Karam**, que integra o livro, então inédito, *Um Milhão de Velas Apagadas* (edição 45, abril de 2015)



“O fato indiscutível é que, não importa o livro, os personagens de Karam — os com cara e os sem cara bem definidas — são todos muito parecidos. Na verdade, são idênticos. A mesma voz, a mesma verve, a mesma visão amarga de mundo. Valêncio Xavier acertou na mosca quando avisou que Karam estava escrevendo o mesmo livro indefinidamente. Não só todos os personagens formam uma entidade única, uma superconsciência, como o mesmo jogo-brincadeira (expressão de Valêncio) vai sendo disputado livro após livro, com pequenos intervalos de uma encadernação para outra.”

Nelson de Oliveira no artigo “Nas Máscaras do Descarado As Mil Caras do Mascarado” (edição 5, dezembro de 2011)



LEITORES

“O que as pessoas estão lendo?” Esta sempre foi uma das preocupações do jornal, que ao longo de sua trajetória dedicou três seções à investigação do gosto literário alheio.

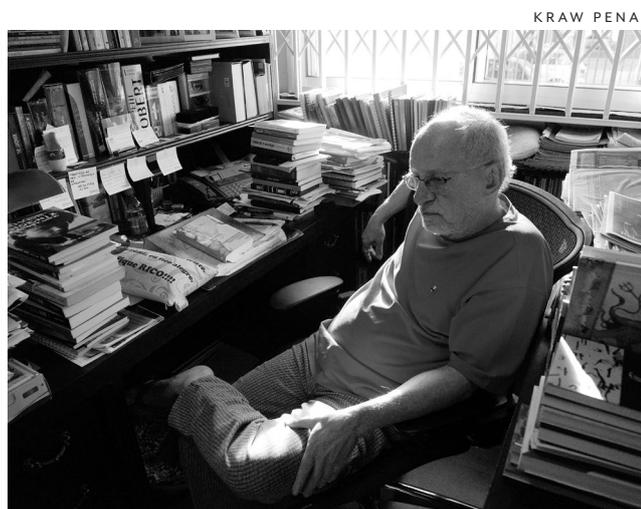
Composta por notas curtas, a *Biblioteca Afetiva* revelou os livros de cabeceira de todo o tipo de gente — escritores, professores, críticos, artistas, funcionários e frequentadores da BPP. Já o *Perfil do Leitor* mostrou o relacionamento de personalidades do mundo cultural com a literatura. Foram mais de 50 entrevistas publicadas, de nomes como Marina Lima, Gerald Thomas, Guilherme Arantes e Neville D’Almeida, entre outros. Por fim, a série de reportagens *Na Biblioteca de...* visitou as coleções particulares de 11 figuras da cena local, sempre retratadas pelo fotógrafo Kraw Penas.

“Meu pai tinha uma vasta biblioteca, com livros de Filosofia, Direito, Economia. Sabe aqueles intelectuais nordestinos cultíssimos? Pois então, ele era um desses. Além disso, havia um grande estímulo à leitura na escola, que vendia romances para pré-adolescentes em formato *pocket*. Eu mergulhava nesses livros por meses.”

Marina Lima, cantora, na seção *Perfil do Leitor* (edição 40, novembro de 2014)



KRAW PENAS



KRAW PENAS



DIVULGAÇÃO

“Tenho vários livros em primeira edição que comprei em um sebo. Os títulos eram do crítico Temístocles Linhares. Entre eles está *Lavoura Arcaica*. É interessante notar, comparando com as edições mais recentes, como o escritor mudou frases e palavras. Esta edição também traz um posfácio em que Raduan Nassar fala das referências que aparecem na obra.”

Sandra M. Stroparo, professora da UFPR e tradutora, na série *Na Biblioteca de...* (edição 52, novembro de 2015)

“Jorge Luis Borges é um escritor que eu me recusava a ler quando era jovem porque ele foi condecorado pelo Pinochet, ditador do Chile. Eu falava: ‘Ah, esse cara é fascista, não vou ler’. Até que um dia li uma antologia pessoal. Fiquei fascinado. Falei: ‘Dane-se se é de direita!’”

Paulo Venturelli, escritor e professor universitário aposentado, na série *Na Biblioteca de...* (edição 50, setembro de 2015)

DIVULGAÇÃO



“A ironia de certos autores é o que mais me atrai, me interessa. Entendo a ironia como uma crítica que, em vez de reclamar, ri. Portanto, Machado de Assis e Nelson Rodrigues são referências eternas, além, é claro, de diretores que trabalham com isso, como Kubrick, Irmãos Cohen, Woody Allen, etc.”

Anna Muylaert, cineasta, na seção *Perfil do Leitor* (edição 33, abril de 2014)

MERCADO EDITORIAL

Longe de ser ideal, o ambiente para a circulação de obras literárias no Brasil é um tópico recorrente nas páginas do **Cândido**. Da baixa vendagem dos títulos de poesia aos programas governamentais de estímulo à tradução — passando por feiras, audiolivros, microeditoras —, os vários aspectos que envolvem o mercado editorial foram abordados em mais de 20 reportagens. A última, publicada no início deste ano, mostrou as perspectivas de um cenário abalado após os pedidos de recuperação judicial das principais *megastores* do país.

“Conto vende, claro que vende. Ou grandes editoras como a Record não publicariam contos. O mesmo serve, sem ajustes, para poesia. Não fazemos caridade.”

Carlos Andreazza na reportagem “Conto Não Vende?” (edição 47, junho de 2015)



YAN SORGI

MI

“A recente onda de traduções de autores brasileiros no exterior seria no máximo uma marolinha, talvez nem isso, se a Biblioteca Nacional não tivesse vitaminado e desburocratizado esses projetos. Há quem ache que se trata de uma ação estatal indevida. Mas esses críticos talvez não saibam que qualquer país menos bagunçado do mundo adota programas semelhantes ao brasileiro, até mais agressivos. Entre eles França, Alemanha, Espanha, Holanda, Itália e Japão.”

Sérgio Rodrigues na reportagem “Traduzir é Preciso”, sobre as políticas de promoção da literatura brasileira no exterior (edição 44, março de 2015)

“Estamos vendo o surgimento de ‘editoras de editais’ e até de ‘escritores de editais’. Isso é muito pobre, além de comprometer o futuro da literatura.”

Gustavo Felicíssimo na reportagem “Faça, Divulgue e Venda Você Mesmo”, sobre o *boom* das microeditoras independentes brasileiras (edição 58, maio de 2016)

NEWTON SAMPAIO

Considerado “o primeiro escritor moderno do estado”, o paranaense Newton Sampaio (1913–1938) foi capa do **Cândido** no centenário de seu nascimento, em 2013. O material, além de discutir sua literatura inovadora e singular, também resgatava seu percurso pessoal, marcado por uma personalidade crítica e combativa, que impactou o cenário cultural provinciano da época. Dois anos depois, Sampaio voltaria às páginas do jornal graças a um lançamento do selo Biblioteca Paraná: *Ficções*, livro que reúne toda a prosa conhecida daquele que Dalton Trevisan definiu como “o maior contista do Paraná”.

“Nada de aceitar a solução que já vem pronta, e sim manter o exercício da consciência bem acesa, que muitas vezes leva à acidez de visão, mas por outro lado acaba assegurando a constante inquietação que conduz a novos caminhos. Essa liberdade de pensamento, bem como a escrita direta e precisa, garantiram para Newton Sampaio uma posição de permanência na literatura brasileira, capaz de fecundar o que se fez de mais renovador em seu estado de origem nas décadas seguintes. É isso, e não apenas a morte precoce, que faz dele agora um menino de cem anos.”

Luís Bueno, no ensaio “Um Menino de Cem Anos” (edição 26, setembro de 2013)

OSVALTER URBINATI

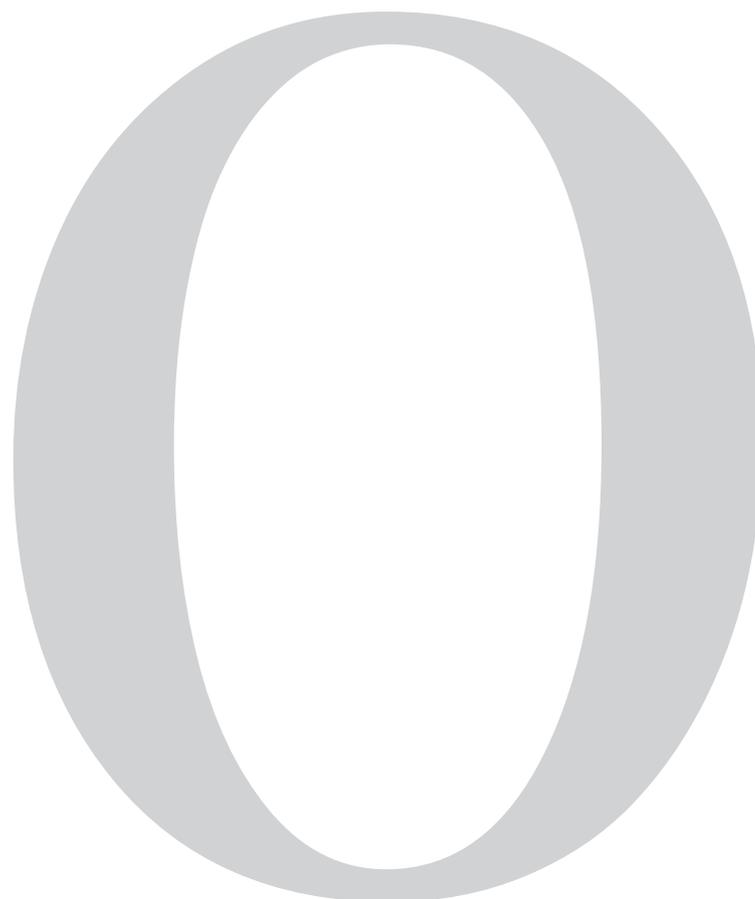


OS EDITORES

Durante quase um ano, o jornal publicou, mensalmente, entrevistas realizadas *in loco* com profissionais do mercado editorial brasileiro. Batizada de *Os Editores*, a série teve uma repercussão tão positiva que acabou virando um livro, lançado pelo selo Biblioteca Paraná em 2018. Com texto de apresentação de Ruy Castro, o volume reuniu bate-papos com Luiz Schwarcz, Maria Amélia Mello, Plínio Martins, José Mario Pereira, Roberto Gomes, Jiro Takahashi, Ivan Pinheiro Machado, Luciana Villas-Boas, Eduardo Lacerda, Isa Pessoa e Jacó Guinsburg. Um verdadeiro panorama dos últimos 40 anos no cenário literário do Brasil.

“O editor é um otimista. Se a pessoa não é otimista, não entra nesse negócio. Pensando em longo prazo, o editor brasileiro tem muitos motivos para ser otimista. Nenhum país do mundo tem um potencial de crescimento do mercado de livro como o Brasil. Os países europeus são, em média, pequenos. Os Estados Unidos já atingiram o auge e a China também está se aproximando do que pode ser o limite de seu público leitor. No Brasil, podemos agregar milhões ao mercado do livro. Basta ter escola decente. É necessária uma rede escolar.”

Luciana Villas-Boas na série *Os Editores* (edição 79, fevereiro de 2018)



DANIEL RAMALHO



“Quanto mais se diz que o livro vai acabar, mais as pessoas parecem estar a fim de se tornarem editoras. É impressionante. Acho curioso porque é uma profissão que todo mundo associa ao *glamour*, à festa e ninguém sabe o trabalho que dá. É pedreira todos os dias. Seja para trabalhar com autor que já existe ou para descobrir um novo autor. Bom, o pessoal quer saber como é editar clássico ou como fazer para atrair a atenção dos leitores hoje, entre outras dúvidas.”

Maria Amélia Mello na série *Os Editores* (edição 81, abril de 2018)

DANIEL RAMALHO



SERGIO CADDAM



ANDRÉ FELTES



“Hoje, o nosso livro de bolso é aceito pelos grandes livreiros e pelo mais variado tipo de leitor. Outra coisa que nos orgulha muito: é que tu não imagina o que já ouvi de pessoas, de meninas e meninos, que chegam e dizem que o primeiro livro que leram foi da L&PM. Esses dias até me aconteceu isso. Eu estava numa livraria, na Saraiva, aí veio uma guria: ‘Tu é o cara da L&PM, né?’. Respondi que sim e perguntei por quê? Aí ela disse: ‘O primeiro livro que li fora da biblioteca do meu pai e da minha mãe foi um livro da L&PM. Aí eu digo: ‘Porra, que livro foi?’. Ela fala: ‘*Sem Plumás*, do Woody Allen’. Isso é sensacional.”

Ivan Pinheiro Machado na série *Os Editores* (edição 85, agosto de 2018)

“Um bom texto é aquele que, internamente, articula a sua própria gramática. Cada texto tem sua gramática. Um exemplo disso é o legado do Graciliano Ramos. Há uma gramática em *São Bernardo*, outra em *Vidas Secas* e uma terceira, por exemplo, em *Angústia*. Cada livro parece ter sido escrito por um autor diferente. Alguém pode ler e gostar de *Vidas Secas* e considerar *São Bernardo* um livro mal escrito. De fato, alguns críticos consideraram *São Bernardo*, na época do lançamento, uma obra ruim e, posteriormente, a crítica se deu conta de que a gramática daquele livro é perfeita, única, do jeito que aquele texto foi escrito.”

Jiro Takahashi na série *Os Editores* (edição 84, julho de 2018)

QUADRINHOS

Desde o primeiro número, o **Cândido** mantém um diálogo permanente com alguns dos mais interessantes artistas gráficos brasileiros, que ilustram as capas e os contos, poemas e trechos de romances publicados. Mas os cartuns e HQs também têm espaço garantido, como comprovam as diversas colaborações de nomes como André Dahmer, Caco Galhardo, Arnaldo Branco, Aline Daka, Pryscila Vieira, Allan Sieber, Robson Vilalba, José Aguiar, Aline Zouvi e DW Ribatski, entre tantos outros.

O jornal ainda discutiu o universo dos quadrinhos na edição de fevereiro de 2015. Além de uma reportagem sobre *graphic novels*, o conteúdo trouxe recriações visuais de obras literárias escritas por grandes autores brasileiros. Em junho do ano seguinte, a produção local de HQs foi um dos tópicos abordados em um especial que resgatou a tradição das artes gráficas no meio editorial de Curitiba.



Página da HQ de **Aline Daka** (edição 96, julho de 2019)

ESCREVER É VOMITAR A ALMA



Cartum de **André Dahmer** (edição 10, maio de 2012)



Trecho da adaptação de *Trapo*, romance de **Cristovão Tezza**, por **DW Ribatski** (edição 43, fevereiro de 2015)



Trecho da adaptação do conto "A Causa Secreta", de **Machado de Assis**, por **José Aguiar** (edição 43, fevereiro de 2015)

RETRATO DE UM ARTISTA

Quarenta e cinco ilustradores brasileiros desenharam os grandes escritores da literatura mundial e brasileira durante os quatro anos (2011-2015) de publicação da seção *Retrato de um Artista*. A pedido dos leitores, em 2017 o material foi transformado em um *box* com 20 lâminas, em formato A3, com desenhos selecionados pela equipe do **Cândido**. E ainda rendeu uma exposição, que ficou em cartaz no hall térreo da Biblioteca Pública do Paraná durante três meses naquele mesmo ano, como parte das comemorações dos 160 anos da instituição.

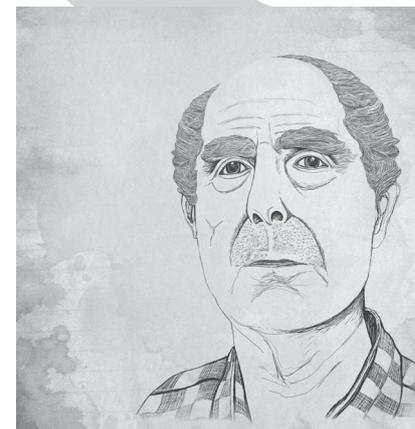
KRAW PENAS



James Joyce por **Samuel Casal** (edição 9, abril de 2012)



José Saramago por **Leo Gibran** (edição 38, setembro de 2014)



Philip Roth por **Marina Moraes** (edição 22, maio de 2013)

Clarice Lispector por **Guile Dias** (edição 8, março de 2012)

SELO

Braço editorial da BPP, o selo Biblioteca Paraná publica, além do **Cândido**, a revista de artes e ensaios *Helena* e livros de diversos gêneros (conto, poesia, romance, entrevistas, artes gráficas, edições fac-silimares). Um catálogo com mais de 40 títulos, que muitas vezes nasceram de ideias desenvolvidas em seções como *Retrato de um Artista*, *Os Editores* e *Um Escritor na Biblioteca*. Em outras situações, o jornal serviu como plataforma de lançamento, adiantando trechos de obras ainda iné-

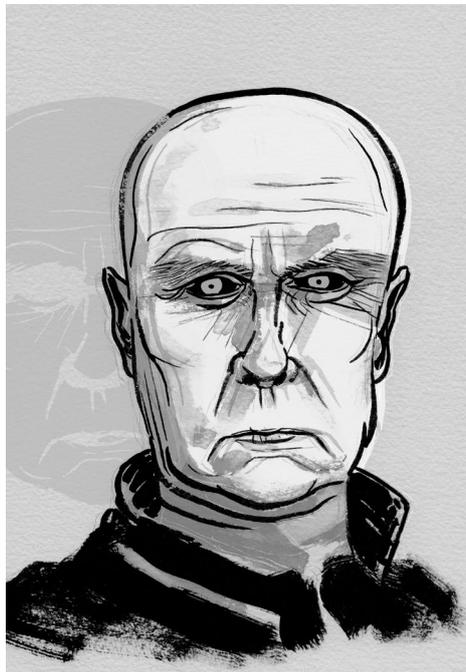


ditas ou promovendo concursos. Como em 2016, quando 15 autores entre 18 e 30 anos, nascidos ou radicados no Paraná, foram selecionados para participar do livro de contos *15 Formas Breves*, lançado no ano seguinte.

TRANSGRESSORES

Escritores que transgrediram a linguagem (e, muitas vezes, as regras de comportamento) são *habitués* das páginas do **Cândido**. De Nelson Rodrigues a Charles Bukowski, de Torquato Neto a Mark Twain — passando por Thomas Pynchon, Irvine Welsh, Michel Houellebecq, Reinaldo Moraes, Paulo Leminski, George Orwell, etc. Até Bob Dylan ganhou uma capa, na esteira de sua controversa premiação no Nobel Literatura.

THEO SZCZEPANSKI



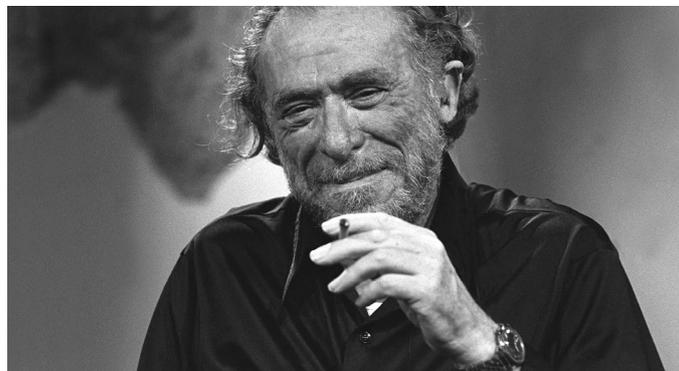
“É importante frisar que os romances de Irvine Welsh estão longe de ser panfletários. São radicalmente críticos, mas não do tipo que oferece alternativas ou respostas fáceis. Pelo contrário: a maioria de suas obras apresenta múltiplos narradores com pontos de vista antagônicos. São mosaicos anárquicos de vozes (às vezes, mais de uma dezena) sem uma identificação explícita de quem está falando (...) Mesmo nos discursos mais violentos e sarcásticos (na superfície, a literatura de Welsh costuma ser engraçadíssima), o leitor compreende pouco a pouco as motivações por trás do ódio manifesto, que invariavelmente remete a um sentimento difuso de inadequação dos narradores ao ambiente onde vivem.”

Bruno Cobalchini Mattos no ensaio “Da Farra da Resistência ao Afeto da Subversão” (edição 62, setembro de 2016)

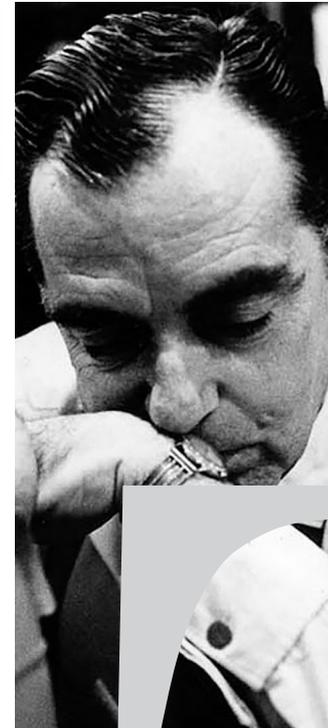
“Bukowski é muito verdadeiro e sua temática incomoda porque mostra o lado obscuro da ‘grande sociedade americana’. Ele se ocupa dos desvalidos, das putas, dos bêbados, dos perdedores, daquela camada que o sistema expele e não gosta de mostrar. Ao fazer isso, ele cumpre seu papel. Mas ao mesmo tempo em que desnuda a violência do sistema, ele sabe ser lírico, poético e emocionante. Tudo isso porque ele é um gênio.”

Ivan Pinheiro Machado na reportagem “O Escritor que Abalou o Sonho Americano” (edição 51, outubro de 2015)

REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO



“O escritor português Valter Hugo Mãe, prefaciando a nova edição de *Tarântula*, livro que Bob Dylan publicou em 1971, chegou a uma palavra-chave para abarcar a multiplicidade de sua obra musical: denúncia. Denunciar é algo maior, mais abrangente e menos circunstancial do que *protest songs*, rótulo que Dylan despreza. Denunciar é permanente, é uma condição da inquietude. Algo que o isenta do rótulo de ‘herói relutante’ que empunha desde sua célebre primeira e última *press conference*, em São Francisco, em 1965. ‘Canções não vão salvar o mundo’, decretou. Os seus discos, dizia Dylan naquela coletiva de imprensa, eram mais importantes que os concertos por conta de sua concisão. E, no artesanato de sua obra, revelava que as palavras vinham antes da música.”

Jotabê Medeiros no ensaio “O Pugilista de Duluth” (edição 72, julho de 2017)

“O tipo de texto que Nelson Rodrigues praticava carrega traços que a crônica está longe de ter — um autoexame profundo, uma enorme coragem para confessar suas próprias mazelas, que permitiram aquela coragem meio suicida de confrontar a opinião média do seu próprio leitor. Estamos falando de um texto superior, que se destaca contra o fundo de uma excelente tradição de textos breves que o Brasil tem.”

Luís Augusto Fischer na reportagem “O Escritor Vence o Tempo” (edição 80, março de 2018)



UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA

O encontro mensal com os principais autores da literatura brasileira alimenta as páginas do jornal desde a sua primeira edição. Criado na década de 1980 e retomado em 2011 após uma interrupção de 25 anos, o projeto já trouxe à BPP mais de 40 escritores em sua versão atual. Todos os bate-papos são publicados no **Cândido** e, mais tarde, reunidos em livros lançados pelo selo Biblioteca Paraná — quatro volumes já foram editados, inclusive com os registros da primeira fase da série.

KRAW PENAS



Ana Maria Machado (edição 99, outubro de 2019)

“É muito bonito falar sobre inspiração e não sei o quê, mas não é isso, não! Nós tínhamos que botar comida dentro de casa.”

HIGOR ORATZ



Alice Ruiz (edição 91, fevereiro de 2019)

“Talvez a coisa que mais me dá orgulho é ter participado da evolução da condição da mulher na sociedade brasileira.”

SANTIAGO COSTA



Mário Bortolotto
(edição 66, janeiro de 2017)

“Eu não tinha dinheiro, então sempre entrava na livraria e roubava os livros que queria. Aqui em Curitiba roubei bastante.”

KRAW PENAS



Marcelino Freire
(edição 73, agosto de 2017)

“O livro que mais leio é a rua.”

LINA FARIA



Mário Prata (edição 34, maio de 2014)

“Tive grandes fracassos na minha vida. O fracasso no Brasil tem uma vantagem: ele não faz o menor sucesso.”

KRAW PENAS



Angélica Freitas
(edição 89, dezembro de 2018)

“Sempre fui a poeta da sala. A maluquete, poeta e tímida.”

VETERANOS

Redições de clássicos e tendências do momento podem eclipsar a discussão sobre escritores veteranos que continuam produzindo, mas não têm mais tanta atenção. Isso não acontece no **Cândido**. O jornal faz questão de sempre lembrar e homenagear os grandes autores vivos da literatura brasileira — seja publicando textos inéditos, pautando reportagens especiais ou mesmo trazendo para Curitiba, em eventos como *Um Escritor na Biblioteca*.

“Mergulhar nas águas fundas da fantasia mais pura — e, por isso, radical e arrebatadora — é uma das experiências que os livros de Marina Colasanti proporcionam. Através de seus textos, talvez os adultos esqueçam que não acreditam em fadas. E, esquecidos da descrença, talvez revivam o encantamento da infância. E se lembrem de que princesas, alaúdes e unicórnios povoavam as esquinas de sonhos e pesadelos.”

Marisa Lajolo no ensaio “As Muitas Marinas de Marina Colasanti” (edição 77, dezembro de 2017)

“Ignácio de Loyola Brandão é um viajante lutador. Viaja não só pelas páginas de sua literatura, mas também pelos quatro cantos do Brasil, despertando mentes adormecidas, oferecendo questões incômodas, estimulando a rebeldia e a independência intelectual. É um dos nossos escritores mais combativos, ligado profundamente ao mundo e às suas coisas, sem trair a qualidade de sua escrita. Um exemplo para todos nós”.

José Castello na reportagem “As Folhas Caídas de Ignácio de Loyola Brandão” (edição 87, outubro de 2018)

“Nos contos de Sérgio Sant’Anna, o seu próprio espaço raciocinado de composição se entende como parte de um *continuum* de vida — não apenas da vida prosaica ou baixa, mas da vida menor do que qualquer valor: trata-se de vida orgânica, mínima, simples, a respirar não um projeto, não um propósito, mas o seu imperativo orgânico de adaptação à sobrevivência e ao vazio que se condensa progressivamente nela.”

Alcir Pécora no ensaio “Uma Análise da Respiração dos Organismos Mínimos” (edição 84, julho de 2018)



LEO GIBRAN



KRAW PENAS



SAMUEL CASAL



DANIEL RAMALHO



KRAW PENAS

“O cinema de qualidade usa poucas palavras. Precisa dizer com imagens e personagens cujas ações (muitas) e falas (pocas) desenvolvam as tramas do roteiro em locações vinculadas ao tema que se quer desenvolver e narrar. Rubem Fonseca faz isso logo na abertura de suas narrativas. Ele agarra o leitor com cenas avassaladoras. A troca rápida de cenários, os cortes, as elipses, os personagens devidamente tipificados, os heróis problemáticos, os vilões mais repugnantes e as mulheres mais encantadoras, todos estes recursos do cinema estão na literatura que ele faz.”

Deonísio Silva na entrevista “Fonseca e Trevisan Estão Consolidados no Cânone Literário” (edição 47, junho de 2015)

“Os textos de Silviano Santiago — não importa a inflexão predominante que cada um possa ter — insistem na configuração de uma escrita em que as culturas se reconhecem por meio de suas projeções de alteridade, já atravessadas pelos efeitos de globalização. Nesses termos, instauram formas singulares de interlocução que, por sua vez, impulsionam a construção de novas ficções teóricas.”

Wander Melo Miranda no ensaio “Nas Fronteiras da Invenção” (edição 64, novembro de 2016)

WILSON BUENO

O paranaense Wilson Bueno (1949–2010) foi capa logo na edição de número 2, em setembro de 2011. Desde então, ganhou destaques em 2014 (em um especial dedicado ao extinto jornal *Nicolau*, do qual foi editor), 2015 (teve duas cartas endereçadas a João Antônio reproduzidas numa reportagem sobre a tradição da correspondência entre escritores), 2017 (outra capa, desta vez em comemoração aos 25 anos do livro *Mar Paraguayo*) e 2018 (matéria que tratou do lançamento de sua biografia, assinada por Luiz Manfredini). Definitivamente, um dos autores que mais aparecem nas páginas do jornal.

WALTER CRAVEIRO



“Wilson Bueno era um exímio esgrimista da poesia em prosa, gênero que exige mãos hábeis e despudoradas. Nesse terreno, não é difícil atolar em certo tom altissonante que pode melar de artificialismo qualquer peça literária. Suas narrativas mais apreciadas, como a novela *Mar Paraguayo* ou *Meu Tio Roseno a Cavallo*, estão impregnadas de uma forma mestiça que trafega entre o lírico e o experimental, desequilibrando-se na selvageria do portunhol sem deixar de lado algum aspecto paródico.”

Joca Reiners Terron no ensaio “Roubando Wilson Bueno” (edição 2, setembro de 2011)

“*Mar Paraguayo*, desde que foi publicado, também teve um papel histórico e político. Além do fato de ser um monumento experimental, era um manifesto político que pretendia discutir, no âmbito da globalização que estendia suas garras sobre a cultura dos países do terceiro mundo, o papel das culturas periféricas e da própria periferia dessas periferias.”

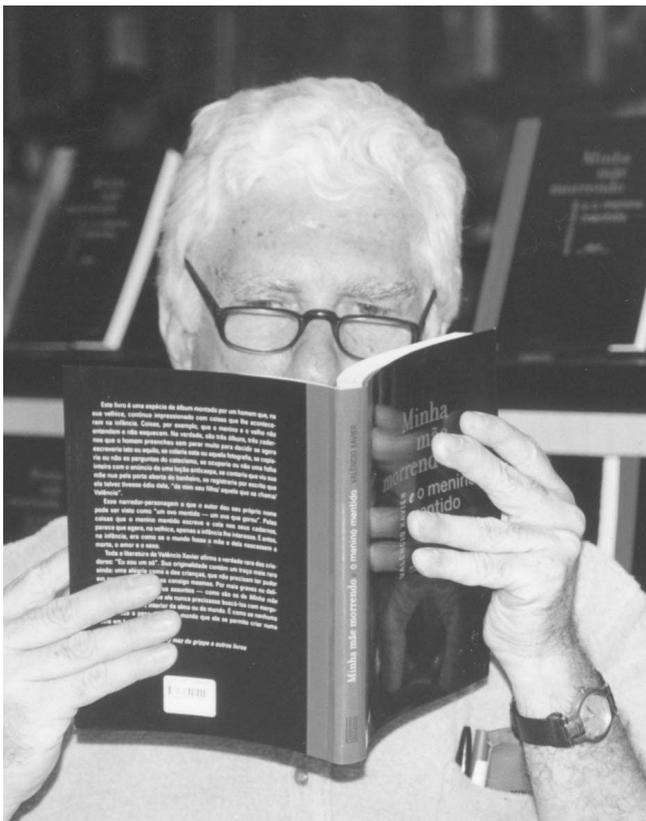
Antonio R. Esteves na reportagem “O Magnífico Portunhol de Wilson Bueno” (edição 70, maio de 2017)

XAVIER, VALÊNCIO

Jornalista, cineasta e escritor — não necessariamente nessa ordem —, Valêncio Xavier (1933–2008) é considerado um dos pioneiros na fusão entre imagem e texto na literatura brasileira. Em 2013, para marcar os cinco anos de sua morte, o **Cândido** publicou um especial de capa sobre sua trajetória, com depoimentos de especialistas, memórias de pessoas próximas e um ensaio de fôlego assinado pela professora da Universidade Federal Fluminense Ângela Maria Dias. O autor de *O Mez da Grippe* também aparece no livro *Experimentais*, do selo Biblioteca Paraná, que traz adaptações em quadrinhos de obras do chamado “quarteto experimental da literatura paranaense” (Xavier, Jamil Snege, Manoel Carlos Karam e Wilson Bueno).



ARQUIVO DA FAMÍLIA



“A afinidade entre autoficção e performance, no caso da obra de Xavier, se configura ainda com mais agudeza, na medida em que sua constituição alegórica, a conduz, todo o tempo, a contrapor imagens e textos, numa espiral parodística em que signos preexistentes, na série literária ou na indústria cultural, são conjugados intertextualmente a ilustrações de todo tipo, numa interlocução caprichosa entre ficção, notícia, documentos de diversa fatura, fotografias estetizadas ou jornalísticas, e os mais inusitados restos do consumo”

Ângela Maria Dias no ensaio “Figuras do Desejo e da Morte” (edição 29, dezembro de 2013)

BENETT



YOUTUBE

Sim, o **Cândido** também publicou uma reportagem sobre o fenômeno dos comentaristas de livros do YouTube. Em abril de 2016, o jornalista Kaype Abreu conversou com alguns dos principais *booktubers* brasileiros — entre eles Tatiany Leite, na época integrante do canal *Cabine Literária*. “Acho que os vídeos ajudam as pessoas mais jovens a não terem vergonha de ler”, disse a jornalista. O conceito de “comunidade virtual literária” foi outro tópico da matéria. “As pessoas que leem geralmente são mais solitárias. Os *vlogs* criam essa sensação de comunidade leitora”, afirmou Yuri Al’Hanati, do canal *Livrada*.

ZOOEY

Para não deixar o dicionário incompleto, forçamos a barra e encerramos a jornada com um dos ídolos da equipe: Jerome David Salinger (1919–2010). O autor de obras como *O Apanhador no Campo de Centeio* e *Franny e Zooey* foi citado em dezenas de textos ao longo destes oito anos de **Cândido**, mas só ganhou uma capa para chamar de sua em 2017. Na ocasião, o jornalista Roberto Muggiati escreveu sobre as especulações em torno dos livros que Salinger teria escrito durante as décadas de autoexílio. “Já imaginaram quantos livros dariam seus 43 anos de trabalho literário intenso?” era a pergunta central do ensaio.

BENETT



ENSAIO

BREVÍSSIMA HISTÓRIA DAS PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS DO PARANÁ

O escritor e professor Miguel Sanches Neto faz um mapeamento dos mais importantes periódicos de literatura do Paraná – do século XIX até os dias de hoje

O que marca a boa literatura paranaense é ser característica, por uma presença tímida do elemento local que deu feição a outras produções regionais. O que poderia ser uma fraqueza é uma força, pois livrou os escritores do compromisso sociológico, mesmo em livros em que o Paraná ganha corpo, pois o espaço funciona como locação de textos e não como credo identitário. A tensão entre o local e o universal não foi forte no início de nossa produção, que, enquanto sistema,

surge depois do Romantismo — período de nosso primeiro jornal literário: *O Jasmim* (1857). Tivemos apenas uma grande escritora romântica, Júlia da Costa (1844-1911), que escreveu no exílio da ilha de São Francisco do Sul, tomada pela demência nos últimos anos de vida.

O Paraná moderno, com suas instituições e mitologias, nasce com o Simbolismo, na virada do século XIX para o XX. Corrente de natureza mística e abstracionista, o Simbolismo cria uma gramática estrangeira, fundando uma fachada urbana e metafórica que destoa de seu entorno rural. Enquanto literatura, Curitiba se quer,

nestes anos, como uma vila europeia, com os dramas de alma velha, embora fôssemos uma região nova.

Realismo, Naturalismo e Pré-modernismo cedem espaço a uma geração em que o símbolo se sobrepõe às araucárias (elemento da identidade local), para me valer do título das memórias de Andrade Muricy (1895-1984) — *O Símbolo à Sombra das Araucárias*. Como o Simbolismo é marginal em relação aos campos de poder literário no país, ele depende da criação de um conjunto de revistas, que se constitui em nossa primeira rede de expressão. Em conexão direta com o movimento simbolista europeu, os

A revista *Joaquim* (1946-1948), editada por Dalton Trevisan, colocou Curitiba no mapa literário do Brasil



nossos escritores fundam uma ilha de arte, com um senso cênico muito definido. Prédios que reproduziam valores culturais neoclássicos surgem na cidade, como o famoso Templo das Musas, na Vila Izabel. Este mesmo desejo europeizante está nas revistas simbolistas que promovem a circulação não apenas da produção do Paraná. Os escritores passarão a publicar em vários veículos, o que torna Curitiba o centro da efervescência simbolista. Ao menos duas são de grande importância. A revista *Club Curitibano* (1890-1900), que mantém uma longevidade fundamental para os autores; e a *Galeria Ilustrada* (1888-1889), que publica nomes daqui e de fora, em um espírito aberto para os irmãos de alma — saíram nelas *Canções Sem Metro*, de Raul Pompéia, ilustradas pelo próprio autor. É preciso destacar ainda as revistas *O Sapo* (1890), *A Arte* (1895), *Galáxia* (1897), *Pallium* (1898), *Turris Eburnea* (1900), *Breviário* (1900), *Victrix* (1902) e *Stellario* (1905). Pelas datas, é possível perceber que a *Club Curitibano* funciona como uma espécie de parêntese temporal deste ideário. Depois, as publicações se descaracterizam, trazendo outras preocupações. Uma observação que se pode fazer é que os títulos remetem ao isolamento, ao mistério, às línguas clássicas, em um apagamento do local. Mesmo quando a revista *O Sapo* aponta para o apelido do curitibano — por suas várzeas, Curitiba era tida como a Sapolândia —, há que se lembrar que este anfíbio faz parte do imaginário místico-simbolista, e figura como imagem do ser de dois mundos.

As revistas garantem uma produção e uma busca de público aristocrático na cidade que estava se urbanizando com a chegada da estrada de ferro e

com a industrialização. Serve também para forjar uma linguagem universal, fazendo grandes autores nacionais e internacionais passarem por nossa capital, que se torna o centro de um movimento periférico de origem francesa e belga, que encontra entre os paranaenses verdadeiros embaixadores.

Agremiações mutantes, originários do grupo da *Cenáculo* (1895-1897), tais periódicos têm um papel preparatório de institucionalização das letras aqui. Em 1912, se dá a criação do Centro de Letras do Paraná e, pouco mais de uma década depois, em 16 de março de 1923, da Academia de Letras do Paraná. Enquanto o Brasil vivia a irreverência da Semana de Arte Moderna, com os desdobramentos antiacadêmicos, o Paraná fortalece estéticas já passadistas. Se o simbolismo nos atualizara com movimentos nacionais e europeus, o tempo agora era de sedimentação. O fluxo vivo das revistas dá lugar à rotina acadêmica.

No plano das publicações, a continuidade deste grupo espiritualista acontece com a fundação da revista *Fanal* no mesmo ano em que sai o melhor livro de Emiliano Pernetá, *Ilusão*, um museu vivo do simbolismo paranaense. *Fanal* (1911-1913) tem à frente, entre outros, Tasso da Silveira (1895-1968), e defende a atualização do verbo como mistério. Este poeta, que se muda para o Rio, participa da criação da revista *Festa* em 1927, aproveitando antigos companheiros. Assim, o programa da revista carioca *Festa* é um desdobramento das publicações simbolistas e uma interferência direta de escritores paranaenses, que exercem uma força antimaterialista e antinacionalista dentro do Modernismo brasileiro.

MOVIMENTO PARANISTA

Este Modernismo mais militante, entre nós, foi qualitativamente acanhado e vai encontrar espaço na revista *Ilustração Paranaense*, lançada em novembro de 1927 pelo jornalista e fotógrafo João Baptista Groff (1897-1970), e que, com uma interrupção de dois anos, circulou até fevereiro de 1933. O periódico era um reduto do movimento paranista (ideologia identitária das décadas de 1920 e 30), de valorização dos símbolos do estado. A capa, de autoria de João Turin (1878-1949), representava o homem novo paranaense com um pinheiro em meio aos pinheirais. E o intelectual mais identificado à publicação, o historiador Romário Martins (1874-1948), líder desta corrente, é o autor das bandeiras e dos brasões do estado e da capital. O Modernismo entre nós é tragado por esta onda provinciana, aparece em meio a textos dos remanescentes do Simbolismo, sem feição própria. O adjetivo no título *Ilustração Paranaense* se sobrepunha ao substantivo. Esta mesma concepção moverá a revista *Prata da Casa* (cujo nome diz tudo), em um apequenamento da produção local, e que funciona como espaço de projeção de nossos futuristas, com seus textos em que preponderam a blague, a valorização do cotidiano industrial, o Brasil segundo o Paraná. Do período, salvam-se apenas um poeta interrompido pela política, Brasil Pinheiro Machado (1907-1997), com seus poemas sobre a Ponta Grossa russo-polaca, e o contista Newton Sampaio (1913-1938), autor de *Irmandade* (1938), radicado no Rio. Mas é nesta quadra que se tenta formar um público para a ficção, com a iniciativa da *Novela Mensal* e depois da *Novela Paranaense*, com edições de livros focados em nossa geografia urbana, projetos em consonância com o planos do editor De Plácido e Silva (1892-1963), fundador do jornal *Gazeta do Povo*, que na década de 1940 lançará a Editora Guaíra, nossa casa editorial mais sólida, com uma publicação mais de caráter social, a *Revista da Guaíra*, na qual escreviam Dalton Trevisan, Rubem Braga e Rachel de Queiroz, entre tantos outros.

O Modernismo mais escandaloso e epidérmico não chega a constituir um fato literário. Assim, o cenário dos anos 1940 continua dominado pelos epígonos dos movimentos anteriores. O saneamento artístico da província ainda estava por ser feito, e caberia a um nome-chave: Dalton Trevisan. Ele começa publicando uma revista ginasial, sob a influência de Rodrigo Júnior, guru liricamente passadista — *Tingui* (1943). Será, no entanto, com a revista

Joaquim (1946–1948) que Curitiba entrará definitivamente no mapa literário do Brasil. A publicação começa se opondo ao ambiente tacanho da cidade e se torna o grande centro jovem de contraponto ao lirismo convencional da Geração de 1945. Agora, os autores e os artistas buscam ver Curitiba como uma cidade contemporânea, irmã de Tóquio, Paris ou Nova York. Esta atualização da arte reverbera Brasil afora, fazendo surgir uma quantidade imensa de revistas jovens, que queriam retomar o espírito combativo dos anos 1920, amortecido àquela altura, por uma literatura influenciada pelo espiritualismo de extração paranaense.

ENFIM MODERNIDADE

A revista *Joaquim* revolucionou graficamente, estampando trabalhos de grandes artistas, como Di Cavalcanti, Portinari, Heitor dos Prazeres e Poty. O Paraná era enfim modernidade. Era espírito destrutivo em uma tradição de arte comportada e localista. A primeira grande polêmica é curitibana. Dalton escreve o manifesto “Emiliano, Poeta Mediocre”, em uma negação de nosso maior nome até então. Depois, surgem novas negações: de Monteiro Lobato, de Antônio Boto, etc. A existência da revista é curta. Valendo-se de representantes informais em cada província, ela recebia deles uma remessa de colaborações de baixa qualidade que poderia torná-la apenas mais um órgão de manutenção literária. Prefere a interrupção a abrir mão de seu estilo iconoclasta. Por isso é o momento mais alto da literatura produzida no Paraná.

Se, até meados dos anos 1950, domina a cena mundana a *Revista da Guaíra*, que consolida Curitiba como um centro editorial importante, algo que vinha em consolidação desde o final do século XIX, o momento de mudança acontece a partir da década de 1970, com a explosão das edições marginais, os famosos jornais nanicos, e também com a modernização do jornalismo comercial. Surge em Londrina o *Panorama*, de Paulo Pimentel, com jornalistas de renome nacional, entre eles o contista João Antônio. Em Curitiba, o *Estado do Paraná*, do mesmo proprietário, cria o suplemento cultural *Almanaque*, dirigido pela jornalista Adélia Maria Lopes. E o *Diário do Paraná*, sob a batuta revitalizadora do poeta experimental Reynaldo Jardim, lança o suplemento *Anexo*, com Marilú Silveira à frente. Os jornais diários recebem um investimento nos espaços culturais, em uma demonstração de que a cultura é um produto consumido pela geração sob a ditadura. A partir deste momento, a preocupação estética das revistas literárias é

introduzida no jornalismo diário, em uma reforma visual, empreendida, entre nós, por Reynaldo Jardim, que chegou à cidade para ficar uns meses e morou aqui por anos, dinamizando a cena curitibana junto aos nossos produtores, tanto da literatura quanto das artes gráficas e da música. Curitiba se torna novamente uma capital cultural e prepara o seu outro grande nome, o poeta Paulo Leminski (1944–1989), centro desta trupe, seu motor mais potente, um escritor que faz a ponte entre o popular e o erudito, entre a poesia marginal e a concreta.

É Reynaldo, junto com Marilú, quem efetiva a proposta mais emblemática da década. O *Polo Cultural* (1978), uma publicação totalmente artística, que tenta cooptar o poder público e o empresariado, mas que circula de forma independente. O título do empreendimento já revela a sua orientação: fortalecer Curitiba como um centro nacional de artes, dada a natureza pulsante da vida comunitária. O semanário dura 34 meses, o suficiente para destacar a cultura como fator de melhoria social, da classe universitária à trabalhadora. Publicaram em suas páginas, além de muitos outros, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Roberto Gomes e Gilberto Gil. Os olhos da cultura nacional se voltaram novamente para o Paraná moderno, uma capital que se apresenta como intelectual, dirigida por um prefeito vinculado às artes, o arquiteto Jaime Lerner. É o momento de assunção social das etnias periféricas, como os dois poloneses aqui citados, o poeta e o prefeito. E esta mudança de origem de classe se os compararmos a Dalton Trevisan, filho de industrial bem estabelecido na cidade — foi a empresa paterna (Fábricas João Evaristo Trevisan) uma das patrocinadoras da revista *Joaquim*.

O momento que se segue a estas inovações editoriais de caráter empresarial (reforma dos jornais, *Panorama* e *Polo Cultural*) e as de natureza marginal (as inúmeras e efêmeras publicações nanicas) é o da oficialização de um formato híbrido. Entre a diagramação caprichada dos projetos em que se envolveu Reynaldo Jardim, que se muda de Curitiba, e o relaxo das publicações marginais, marcadas pela irreverência do ruído, nasce outra publicação emblemática — o *Nicolau*, que terá 55 edições na sua formação original, sob o comando do escritor Wilson Bueno (1949–2010) — de julho de 1987 a outubro de 1994. Seguindo o modelo criado por Dalton Trevisan de usar um substantivo próprio como título, o jornal da Secretaria de Estado de Cultura é uma mistura de elementos da imprensa cultural moderna do Paraná e presta homenagem às origens eslavas do estado.

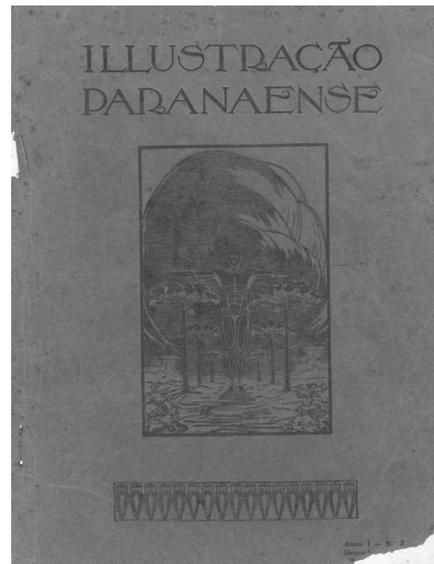
Nicolau mantém a ideia de um caderno heterogêneo, que vai dos quaderninhos à filosofia, da história à fotografia, em uma diagramação ousada, não raro polêmica. O formato tabloide também o liga diretamente à *Joaquim*, da qual herda ainda o projeto de fazer o mundo contemporâneo passar por suas páginas. É o momento de consolidação da geração dos anos 1970, com Leminski à frente, e também de resgate histórico da poeta-elo (veio do espiritualismo e chegou à modernidade), de origem ucraniana, Helena Kolody (1912–2004), que se torna a patronesse da publicação. Todos participam destas páginas, em uma festa da cultura paranaense. É um momento de grande entusiasmo criativo, capacitado pelo poder público.

O movimento seguinte será de modernização do jornal mais longo e tradicional do Paraná, a *Gazeta do*

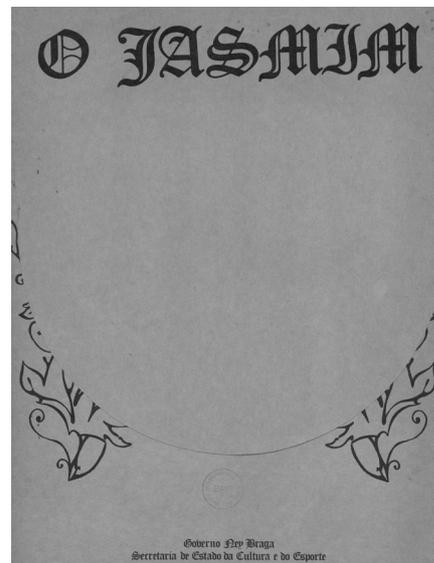
Povo. Sob a coordenação de Ana Amélia Filizola, surge uma página de cultura que, a partir de março de 1992, vai ser chamada de *Cultura G*, e profissionaliza a cobertura das manifestações artísticas e intelectuais. Dalton Trevisan publica textos inéditos neste novo espaço, Valêncio Xavier (1933-2008), da geração dos anos 1970, é contratado como colaborador e José Carlos Fernandes se torna o jornalista mais identificado à publicação, que em julho de 1994 passa a se chamar *Caderno G*, chegando a ser a maior editoria da *Gazeta*, com 50 páginas semanais.

É neste espírito de independência que nasce, em abril de 2000, o jornal literário *Rascunho*, comandado por Rogério Pereira, colocando em cena uma juventude que nega os excessos de experimentações literárias e gráficas das gerações anteriores. Jornal inicialmente em tamanho *standard*, com pouca ilustração, com textões, e que não perdoa os grandes nomes da literatura nacional, o *Rascunho* causou furor nos primeiros anos de existência, logo assumindo uma linha editorial mais suave, de divulgação digestiva de livros e não mais de crítica impiedosa. O jornal convoca novos autores, e seu foco é a produção literária em época de diminuição dos espaços literários nos grandes jornais e mesmo de fim de jornais impressos, como foi o caso da *Gazeta do Povo*.

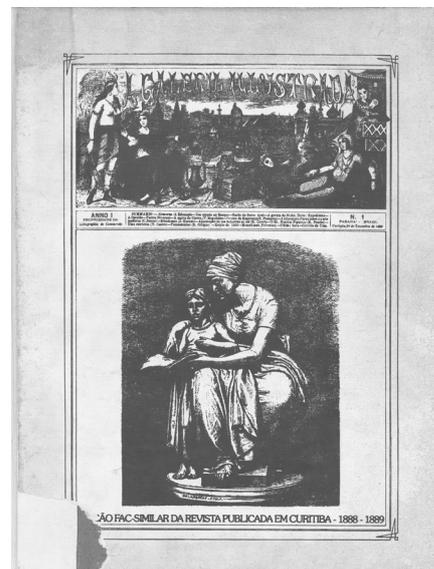
No campo da resistência é preciso citar a revista londrinense *Coyote*, fundada em 2002 e dirigida pelos escritores e jornalistas Rodrigo Garcia Lopes, Marcos Losnak e Ademir Assunção. É uma publicação marcada pela influência das vanguardas internacionais, que publica uma literatura de invenção, herdeira das ar-



Segundo número da revista *Ilustração Paranaense*, lançada em novembro de 1927 pelo jornalista e fotógrafo João Baptista Groff (1897-1970)



O Jasmim (1857) foi o primeiro jornal literário do Paraná



Edição fac-similar de todos os volumes da revista *Galeria Ilustrada* (1888-1889)

tes gráficas modernas. No mesmo diapasão, e mais sofisticada, é a *Et Cetera*, criada nos anos 2000 por Fábio Campana, jornalista e escritor que vem da experiência inovadora do *Correio de Notícias*.

O editor do *Rascunho* fundou, em paralelo, o jornal *Cândido*, da Biblioteca Pública do Paraná, quando esteve à sua frente, seguindo a linhagem dos nomes próprios, numa releitura da *Joaquim* e do *Nicolau*, agora em uma linguagem mais comportada, valorizando a cultura paranaense. A mesma biblioteca publica ainda a revista *Helena* (homenagem à poeta Helena Kolody), em que a abertura para a diversidade temática é maior. As duas publicações, no entanto, bebem nesta extensa tradição gráfica do Paraná, que nos deu uma revista voltada apenas para esta área, a *Gráfica* (1993), do artista Miran — trimestralmente até 1995 e semestralmente até 2002, com números avulsos depois. O mesmo cuidado editorial distinguiu a revista de narrativas *Arte & Letra: Estórias*, criada em 2008, por Irineo B. Netto e Thiago Tizzot.

O Paraná como polo editorial guarda um sistema de jornais e revistas, o que projetou nossa literatura no centro do campo do poder literário, sem que jamais tenhamos tido um sistema de editoras. Assim, nossa produção se fez mais brasileira do que paranaense, em uma existência incharacterística enquanto identidade tanto de estilo quanto de temática. E talvez este seja o nosso grande trunfo em uma época essencialmente cosmopolita e de produção e de consumo pelas redes sociais, que suspendeu as fronteiras.

MIGUEL SANCHES NETO é doutor pela Unicamp, com pós-doutorado na Universidade do Minho, Portugal, professor-associado e reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Autor de mais de 30 livros, entre eles *Chove Sobre Minha Infância*, *A Máquina de Madeira*, *A Bíblia de Che* e *A Bicicleta de Carga*. Recebeu, entre outros, o Prêmio Cruz e Sousa (2002) e Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina (2005).